

## AMIZADE E EDUCAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE O PENSAMENTO DE HANNAH ARENDT E AS ESTÓRIAS DO SERTÃO DE JOÃO GUIMARÃES ROSA

Friendship and education: reflections on the thoughts of Hannah Arendt  
and the stories of the sertão of João Guimarães Rosa

Carlos Eduardo Gomes Nascimento  
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

### RESUMO

O ensaio debate a relação entre a noção de educação no pensamento de Hannah Arendt e as estórias do sertão de João Guimarães Rosa, a partir da concepção da amizade. A filósofa concebe a educação como um espaço de mediação e cuidado entre as gerações, em que a mais antiga tem a responsabilidade de introduzir os novos no mundo. Nesse contexto, aborda-se a possibilidade de pensar a ideia da educação que narre estórias, criando um laço de amizade entre gerações no mundo. Mediante o pensamento de Hannah Arendt e narrativa do sertão de João Guimarães Rosa reflete-se uma educação como amizade na responsabilidade que os educadores têm em transmitir um legado, herança cultural, às futuras gerações. A narrativa de estórias, pérolas cristalizadas, pode vir a ser um outro caminho para reconciliar as gerações e repensar a educação.

**PALAVRAS-CHAVE:** educação; amizade; narrativas; Hannah Arendt; Guimarães Rosa.

### ABSTRACT

The essay discusses the relationship between the notion of education in the thoughts of Hannah Arendt and the stories of the backwoods of João Guimarães Rosa, from the conception of friendship. The philosopher conceives education as a space of mediation and care between generations, in which the oldest has the responsibility of introducing the new ones into the world. In this context, we approach the possibility of thinking about the idea of education that tells stories, creating a bond of friendship between generations in the world. Through the thought of Hannah Arendt and narrative of the backlands of João Guimarães Rosa reflects an education as friendship in the responsibility that educators have in transmitting a legacy, cultural heritage, to future generations. The storytelling of crystallized pearls may be another way to reconcile generations and rethink education.

**KEYWORDS:** education; friendship; narratives; Hannah Arendt; Guimarães Rosa.

### A amizade, onde ela anda?

O que “resta é a língua” (ARENDR, 2007, p. 42), responde Hannah Arendt em entrevista a Günter Gaus, em 28 de outubro de 1964, acerca da sua experiência pessoal e da sua relação com a Alemanha após o nazismo. A língua materna guarda esse sentimento de pertencimento que vincula os homens à memória, família, história e cultura. Em uma Alemanha sob escombros do totalitarismo, a língua materna foi o que restou. Mesmo Arendt, na condição de apátrida, a preservou conscientemente, conforme lembra: “em alemão, conheço de cor uma boa parte da poesia alemã, de alguma maneira, os poemas sempre estão ali no fundo da minha mente” (ARENDR, 2007, p. 42).

A língua, presente nas diversas manifestações humanas, relaciona-se tanto com as necessidades básicas da vida, quanto com as expressões simbólicas mais complexas, como a arte e a literatura, a filosofia e a ciência. Nesse sentido, a língua é muito mais que um conjunto de palavras, trata-se de “um dos mais importantes processos de iniciação de uma criança no mundo cultural e social” (CARVALHO, 2017, p. 111). A vivacidade da língua é encontrada na literatura, tanto em sua

forma oral quanto escrita. A literatura marca os passos iniciais das crianças e dos jovens em direção ao encontro com um mundo mais antigo. A linguagem da literatura é um modo de compreender o mundo, fundamental no contexto escolar. Na escola, a leitura de uma obra literária exige mais do que a decifração dos caracteres e das palavras ou capacidade de recontar uma sucessão de eventos. Requer o desenvolvimento de certo ‘discernimento literário’ para se sensibilizar com o tema abordado, para se abrir à experiência estética evocada pelo texto (cf. CARVALHO, 2017, p. 209).

Na escola, ao apresentar a herança compartilhada em histórias, os adultos fazem um convite às novas gerações para compreender e pensar o mundo juntos. Tal convite constitui um testamento de gerações passadas às futuras gerações. A transmissão dessa herança é um desafio para os profissionais da educação e para as crianças e os jovens. Sem isso, os seres humanos ficam desterrados do seu próprio mundo. De acordo com Arendt:

Sem testamento ou, resolvendo a metáfora, sem tradição – que selecione e nomeie, que transmita e preserve, que indique onde se encontram os tesouros e qual o seu valor – parece não haver nenhuma continuidade consciente no tempo, e portanto, humanamente falando, nem passado nem futuro, mas tão-somente a sempiterna mudança do mundo e o ciclo biológico das criaturas que nele vivem. O tesouro foi assim perdido, não mercê de circunstâncias históricas e da adversidade da realidade, mas por nenhuma tradição ter previsto seu aparecimento ou sua realidade; por nenhum testamento o haver legado ao futuro. (ARENDR, 2011, p. 31)

Na educação não se pode prescindir da tradição, que seleciona, nomeia, transmite e preserva os tesouros. Nesse sentido, mesmo com o rompimento dos fios da tradição, a escola também pode buscar novas formas de se relacionar com o passado, estabelecer vínculos de pertencimento com o mundo comum. Assim, as crianças e os jovens podem criar laços de pertencimento através de histórias que são contadas, a fim de manter viva a tessitura do compreender e pensar sobre as experiências humanas, para abrir possibilidades de renovação do mundo pela palavra.

Em busca desse tempo de histórias, a memória é essencial para que as futuras gerações possam imaginar, criar e reconstruir o mundo. A relação entre mestre e discípulo, assim como ocorre entre o professor e o aluno evidencia que o pensar através das histórias possibilita o movimento para que cada pessoa traga sua singularidade ao se encontrar no mundo comum. Assim, a literatura (oral ou escrita) torna-se fundamental na educação. Conforme observa Carvalho:

O sentido formativo da leitura de obras literárias, como as de Machado de Assis ou Guimarães Rosa, não se reduz a eventuais tarefas escolares de natureza estritamente cognitiva como a identificação e a compreensão de traços estilísticos. Sua presença no currículo se justifica, sobretudo, por seu potencial de se tornarem experiências simbólicas para quem as lê, ou seja, por sua capacidade de afetar um sujeito, de transformar sua visão de mundo, de influenciar a forma pela qual ele se relaciona consigo mesmo e com aqueles com quem compartilha o mundo. (CARVALHO, 2017, p. 52)

As marcas das experiências humanas por meio das narrativas podem ser encontradas em pergaminhos, livros, ou na memória em versos dos poetas, na canção dos bardos e trovadores, nos repentes dos violeiros do sertão, na “oratura”<sup>1</sup> dos *griots*, contadores de histórias africanos. As expressões literárias revelam-se nos contadores de histórias que, de boca em boca, difundem as experiências humanas de vozes distantes no tempo; além da prática dos escritores, em poesias, romances, contos, crônicas, entre outros gêneros.

A narrativa do romance *Grande sertão: veredas* de Guimarães Rosa cria com imaginação a memória de um sertanejo, personagem Riobaldo, ora jagunço, ora professor, o qual conta a sua

<sup>1</sup> “Oratura” é um conceito introduzido pelo linguista ugandense, Pio Zirimu, para se referir a textos orais na tradição dos povos africanos (SCHIPPER, 2006, p. 12).

estória de experiências vividas para compreender se há algum sentido em um mundo caracterizado pela ambiguidade das coisas e sentimentos humanos. Nesta estória, o sertão é do tamanho do mundo; está simbolizada por diversos planos de ambiguidades e de fusão dos contrários, representados tanto no desejo de amar Diadorim, a mulher-homem, quanto no conflito existencial do par Deus e o Diabo, entre o estilo erudito e popular, arcaico e moderno. Este é um mundo “que nos suspende entre o ser e o não ser para nos sugerir formas mais ricas de integração do ser” (CANDIDO, 2000, p. 134).

Com efeito, essas estórias constituem uma poética do mundo compartilhado entre as gerações, contam sobre personagens em um interstício existencial e revelam um mundo em ambiguidade, isto é, um mundo sempre a se fazer. O “bardo”, no budismo tibetano, constitui o estágio intermediário entre a morte e o renascimento, simbolizando o “espaço entre”, uma terceira margem, onde se conta uma estória. *Rio-bardo* conta um mundo que corre como um *rio* em devir e transmite em altos *brados* um mundo reclamando ser ouvido, pois mesmo distantes de suas margens, o grito das águas chega, a fim de apontar que sempre há uma disposição para a travessia daqueles abertos a ouvir. As estórias são a voz do mundo, assim conta Riobaldo, o bardo do sertão, narrador que ocupa o “espaço entre”, capaz de contar uma estória: “Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” (ROSA, 2001, p. 80).

No artigo *A outra margem da narrativa: Hannah Arendt e João Guimarães Rosa*, Heloisa Maria Murgel Starling destaca essa relação entre o processo narrativo de Arendt e de Guimarães Rosa:

Na tentativa de caminhar para trás no tempo e chamar de volta ao coração ‘o desamargado dos sonhos’ própria a cada narrador, história, mito e poesia [...] registram embricamentos possíveis entre as fronteiras do histórico e do literário, ainda produzem as condições para um esforço retrospectivo da imaginação criativa, baseada no trabalho da memória, que tem o mundo como horizonte, as imagens como técnica de deciframento e a linguagem como mediação. Nos termos definidos pelo jagunço Riobaldo Tatarana, essa tentativa de preservar a matéria de onde são feitas todas as histórias, deixando falar a memória quando tudo o mais parece ter emudecido era, na verdade, seu principal compromisso para com o mundo, ainda que velho, repassado de melancolia, praticamente já se tenha retirado dele. (STARLING, 2001, p. 253)

Ao contar estórias, afiança-se um território constituído por memórias em que os seres humanos de diversas gerações se movem e podem criar laços não somente entre eles, mas também com o mundo do presente, espaço de constantes experiências, acontecimentos e afetos que são compartilhados. Arendt lembra grandes estórias que encantam os homens, nas quais poetas e bardos os ajudavam a atingir a imortalidade: “isto porque a estória das coisas feitas sobreviveu aos atos e o que foi dito torna-se imortal se for bem dito [...]. Os bardos, à maneira de Homero, endireitavam a estória com palavras mágicas para encantar os homens para sempre” (ARENDR, 2016b, p. 152). As estórias conservam a memória, fazem-se presentes no exercício do imaginar aos homens; quando contadas e recontadas, trazem à lembrança experiências vivas do passado, criadoras de uma promessa de aliança entre as gerações. Afinal, “a presença de outros que veem o que vemos e ouvem o que ouvimos garante-nos a realidade do mundo e de nós mesmos” (ARENDR, 2016a, p. 62).

Nas estórias do sertão brasileiro, a amizade é um valor que transcende as dimensões das veredas no tempo e no espaço. Diversas gerações cruzam-se no universo sertanejo entre as vendetas dos jagunços. Nesse sistema, em que o acerto de contas e a violência são a prerrogativa da existência, era de se pensar que a amizade fosse um tema distante, ou que a amizade entre os seres humanos se convergiria para interesses particulares, dominados pelo o braço e o aço. Mas a amizade no sertão aparece como marca da existência e permanência humana entre os buritizais e os chapadões. A amizade gera um movimento nas estórias do sertão de Guimarães Rosa. A capacidade humana de escolher tem seus sentidos revelados na amizade. Essa escolha significa dizer ao mundo

com quem se deseja passar o desafio das horas; aqueles com quem se quer conviver, dialogar, agir e, juntos, construir uma história comum. Riobaldo, o narrador de *Grande sertão: veredas* de Rosa, revela-nos os sentidos da amizade no sertão:

Amigo? Aí foi isso que eu entendi? Ah, não; amigo, para mim, é diferente. Não é um ajuste de um dar serviço ao outro, e receber, e saírem por este mundo, barganhando ajudas, ainda que sendo com o fazer a injustiça aos demais. Amigo, para mim, é só isto: é a pessoa com quem a gente gosta de conversar, do igual o igual, desarmado. O de que tira prazer de estar próximo. Só isto; quase; e todos sacrifícios. Ou – amigo – é que a gente seja, mas sem precisar de saber o porquê é que é. Amigo meu era Diadorim; era Fafafa; o Alaripe; Sesfrêdo (ROSA, 2001, p. 196).

Riobaldo não queria a amizade do jagunço Hermógenes, “homem que tirava seu prazer do medo dos outros, do sofrimento dos outros” (ROSA, 2001, p. 197). Hermógenes por todo custo tentava se aproximar de Riobaldo, fazendo elogios e dando-lhe presentes, mas Riobaldo sempre buscava se esquivar dele. Conta Riobaldo: “Aquele Hermógenes me fazia agrados, demo que ele gostava de mim” (ROSA, 2001, p. 205). A amizade não se faz pela barganha por conquista de vantagens, pelo toma-lá-dá-cá, pensar desta maneira é se opor ao sentido de amizade. As ações de Hermógenes, a representação do falseamento da amizade, que hoje oferece, mas que amanhã cobra pelo sangue, essa é uma oposição ao sentido da amizade que vagueia no mundo, tentando seduzir, puxar para seu caminho. As investidas de Hermógenes, para conquistar a amizade de Riobaldo, parece ser uma das faces do desalento que toma os espíritos humanos na modernidade. A sedução do tirar vantagem em tudo afasta os seres humanos uns dos outros e também da constituição de uma história comum. Para a satisfação de desejos particulares, qualquer gesto deve ser acompanhado de alguma recompensa ou bem-estar. O mundo, resultado de um passado de várias mãos que o construíram de forma coletiva, perde o seu sentido público e comum a todos, em favor de interesses privados. O mundo intentado por Hermógenes é um não à amizade. A amizade revela-se publicamente face a face, evidenciada por uma escolha de com quem se quer conviver. Para além da amizade entre duas pessoas, a amizade é revelada no reconhecimento de uma história que constitui o mundo comum, compartilhado por todos os seres humanos. Desta maneira, a destruição do outro, de seu passado e de sua história, é a inimizade ao mundo. Assim como as ideologias totalitárias seduziram muitos homens, no século XX, destruindo histórias de um mundo comum, de modo semelhante, Hermógenes conseguiu seduzir alguns jagunços como Ricardão para trair Joca Ramiro, em troca de riquezas.

Trair, atocaiar, escravizar e confinar pessoas em campos de concentração, impedindo-as de realizarem por atos e palavras sua presença no mundo, retirando qualquer laço com a humanidade são atos de inimizade contra todos os seres humanos. O surgimento dos regimes totalitários foram uma tentativa de destruição do mundo, da história, do passado em comum. Alcançou não apenas aquela geração de judeus, ciganos, pessoas com alguma deficiência, e outros grupos, que morreram em campos de concentração durante a II Guerra Mundial, mas também os próprios executores do terror do totalitarismo foram atingidos. Os regimes totalitários, responsáveis pela destruição de um legado comum, solaparam a existência e a imortalidade das gerações passadas; emudeceram, com seu terror, os laços de amizade entre gerações. Na contramão dessa perspectiva, a amizade tem como sentido o compartilhamento entre os seres humanos que querem estar juntos e realizar através de palavras e ações um mundo comum, no qual podem conviver. A amizade aparece na vida pública, torna-se visível entre as pessoas, preservando o mundo comum. No trecho intitulado “Diálogo entre amigos” do texto *Filosofia e política*, escreve Arendt:

A amizade consiste, em grande parte, na verdade, nesse falar sobre algo que os amigos têm em comum. Ao falarem sobre o que têm entre si, isso se torna muito mais comum a eles. Não só o assunto ganha sua articulação específica, mas desenvolve-se, expande-se e finalmente, no decorrer do tempo e da vida, começa a

constituir um pequeno mundo particular, que é compartilhado na amizade. (ARENDDT, 2006, p. 98)

O tema da amizade em Arendt relaciona-se com a sua abordagem sobre a educação, por um viés da preservação com o mundo comum e no cuidado com a singularidade dos novos, potenciais criadores e responsáveis pela durabilidade do mundo. As capacidades humanas para pensar, falar e agir surgem à medida que os seres humanos são apresentados ao passado do mundo, tendo a possibilidade de se tornar responsáveis por ele. As gerações mais novas, potência de renovar o mundo, com a amizade com as gerações anteriores, poderão estabelecer e constituir um legado histórico, compartilhado no tempo.

Diversos sentidos foram explorados na história do pensamento filosófico para o significado da amizade, principalmente, no contexto sobre o questionamento da ética e a política. A amizade, *philia*, compõe as raízes da própria palavra filosofia. Segundo conta Diógenes Laertio, Pitágoras foi o primeiro a usar o termo e a chamar-se de filósofo: “amigo da sabedoria” (LAERTIO, 2008, p. 15). O tema da amizade está presente na obra de Arendt, que não se encarava como filósofa, mas estava em busca de outros sentidos para compreender e compartilhar o seu pensamento com seus amigos. Conforme lembra Young-Bruehl “Arendt era fluente na linguagem da amizade”, pois a amizade era “o centro de sua vida” (YOUNG-BRUEHL, 1997, p. 13).

### **Amizade em Hannah Arendt**

A amizade, na obra de Hannah Arendt, coloca-se enquanto uma escolha de estar junto aos outros no espaço comum de realizações, assim como Riobaldo tentou agir no sertão. Lembra Arendt que a ação “pode ser estimulada pela presença de outros a cuja companhia possamos desejar nos juntar, mas nunca é condicionada por eles; seu impulso surge do começo que veio ao mundo quando nascemos e ao qual respondemos quando começamos algo novo por nossa própria iniciativa” (ARENDDT, 2016a, p. 219). A amizade é escolha daqueles com quem se quer conviver e compartilhar experiências no mundo, isto é, a escolha dos nossos amigos. Estar entre amigos é ser partícipe de uma pluralidade e reconhecer a existência da singularidade de quem se quer dialogar e estar junto na renovação de um mundo comum.

A amizade no sentido arendtiano aparece quando os seres humanos se associam publicamente, através da manifestação de suas palavras e atos. Na amizade, as pessoas estão entre iguais. Assim, no texto *Filosofia e política*, diz Arendt: “A igualação na amizade não significa, naturalmente, que os amigos se tornem os mesmos, ou sejam iguais entre si, mas antes, que se tornem parceiros iguais em um mundo comum — que, juntos, constituam uma comunidade” (ARENDDT, 2006, p. 99). Os mais novos, uma geração ainda em formação, buscam seu lugar na construção do mundo comum, depois de introduzidos através da educação, poderão ser tão responsáveis, quanto seus antepassados, criadores de um mundo comum. No curso do tempo, a amizade estabelece laços entre as gerações, que se igualam enquanto criadoras de um mundo comum. Para Arendt (2011), a educação não é o espaço público de decisões, mas território no qual as diversas gerações podem se encontrar para estabelecer um vínculo essencial.

Na obra de Arendt, o tema da amizade aparece em alguns textos, enquanto ligação entre os seres humanos na construção e preservação do espaço público que permite conviver em pluralidade. Os textos de Arendt que fazem referência à amizade foram publicados no final da década de 1950, em datas próximas ao texto *A crise na educação*, como por exemplo: “Sobre a humanidade em tempos sombrios: reflexões sobre Lessing” (2015), resultado do discurso proferido em 1959, por ocasião da aceitação do Prêmio Lessing da Cidade Livre de Hamburgo, em homenagem ao poeta alemão do século XVIII, Gotthold Ephraim Lessing; o tema da amizade também é abordado no seu livro *A condição humana* (2016a), publicado em 1958.

Arendt estabelece uma relação entre a amizade e o contar histórias quando analisa a leitura da peça *Nathan, o sábio*, de Lessing, drama clássico sobre a temática da amizade, em que o comprometimento com o mundo se dá pelos laços criados entre amigos. A amizade, na perspectiva de Arendt, não se volta para o sentimento da intimidade, mas para um sentido de um mundo comum compartilhado entre os seres humanos, “a amizade não é intimamente pessoal, mas faz exigências políticas e preserva a referência ao mundo” (ARENDDT, 2015, p. 34). Em *Nathan, o sábio*, Lessing conta a história do encontro de três homens com culturas diferentes: Nathan, Saladino e o Templário, representantes cada um de uma cultura e religião, respectivamente, a judaica, a islâmica e a cristã. À primeira vista, a amizade entre as personagens parece não ser possível, no entanto Lessing rejeitava conscientemente qualquer doutrina ou princípio que pudesse barrar a possibilidade de não haver amizade entre os homens (cf. ARENDT, 2015, p. 35). *Nathan, o sábio* mostra-se como uma força em direção à amizade, nos seus versos a estabelece como laço comum entre os homens, apesar das culturas diversas e dos conflitos. Lessing conta que Saladino, o sultão do Oriente, escuta do povo que um viajante havia chegado à região: Nathan, considerado um dos homens mais sábios. Curioso, o sultão o chama em seu palácio para lhe fazer uma pergunta difícil: qual entre as três religiões, judaísmo, islamismo ou cristianismo, seria a verdadeira? Nathan não reluta e conta uma história ao sultão: um pai amava muito seus filhos. Ele tinha um anel cuja força maravilhosa tornava seu possuidor amado por Deus e pelos homens. Havia recebido esse anel de seu próprio pai, transmitido de geração a geração. Em seu leito de morte, o pai ordena a fabricação de anéis semelhantes ao seu. Ao receber os anéis, já não sabia mais reconhecer o seu anel entre os demais. No entanto, antes de morrer, entregou a cada um dos amados filhos um anel. Após sua morte, seus filhos entram em conflito sobre quem seria o possuidor do anel verdadeiro. Para tentar pacificar os ânimos dos irmãos, um juiz observa:

Vossos anéis não são verdadeiros  
 Nenhum dos três.  
 O verdadeiro anel  
 Provavelmente se perdeu [...]  
 Se cada um tem o anel de seu pai:  
 Cada um acredite  
 Que o seu é verdadeiro  
 É possível até,  
 Que o pai não quisesse mais tolerar  
 A tirania do único anel em sua casa! (LESSING, 2015, p. 351)

Estar em um mundo junto com os outros e compartilhá-lo com as mais diferentes gerações é um privilégio que não deve ser perdido. Cada geração é possuidora de um anel, esse anel estabelece laços de amizade entre aqueles que construíram esse mundo e que são herdeiros em cuidar de uma casa comum entre todos os seres humanos. A amizade surge como esse reconhecimento da diversidade humana, dada na pluralidade pelas ações e palavras, que se realizam no mundo. Nesse tocante sobre a amizade, ao analisar a peça *Nathan, o sábio* de Lessing, escreve Arendt:

[...] o anel verdadeiro, se é que algum dia existira, se perdera; [Lessing] estava contente em consideração pelo número infinito de opiniões que surgem quando os homens discutem os assuntos deste mundo. Se o verdadeiro anel existisse, significaria o fim do discurso, e portanto da amizade, e portanto da humanidade. (ARENDDT, 2015, p. 35)

*Nathan, o sábio* de Lessing apresenta a possibilidade de que os seres humanos podem viver em conjunto e criar vínculos duradouros, mesmo diante da identidade de cada um, das origens culturais diversas e das formas de professar sua religiosidade, pois esse é o mundo comum, que permanece no tempo, com suas histórias, contadas entre as gerações mais distintas. Na história de

Lessing, durante diálogo entre Nathan e o jovem Templário, este mostra-se desconfiado. Então, Nathan sensibiliza o seu dialogante para os sentidos da amizade entre os seres humanos. Lembra Lessing, através da voz de Nathan, que:

Ahá! Vós não sabeis  
 Com quanto maior insistência  
 Me aproximei de vós agora.  
 Vinde, nós precisamos,  
 Precisamos ser amigos!  
 Desprezai meu povo  
 O quanto quiserdes,  
 Nós não escolhemos, ambos,  
 O nosso povo. E somos nós o nosso povo?  
 O que é povo, afinal?  
 Cristão e judeu  
 São antes cristão e judeu,  
 Do que ser humanos?  
 Ah! Se eu tivesse  
 Encontrado em vós  
 Mais um ao qual basta  
 Se chamar de homem! (LESSING, 2015, p. 303)

Observa-se em Lessing que, mesmo diante das maiores adversidades, os seres humanos podem cultivar a amizade. Nesse sentido, Arendt, apesar de não adotar o humanismo de Lessing, inspira-se na estória de Nathan para refletir sobre a amizade: as pessoas não apenas podem ser amigas, mas também compartilham um mundo duradouro, com outros seres singulares. Este princípio da amizade emerge como vínculo entre as pessoas, atravessa a temporalidade, pode ser traduzido pela comunicação de atos e palavras, através de estórias que conectam as gerações humanas. Como supracitado, *A condição humana* foi publicada por Hannah Arendt na mesma época que o discurso sobre Lessing (respectivamente, 1958 e 1959). Nessa obra, o tema da amizade aparece como escolha de cada indivíduo, mas também no domínio público através de palavras e atos, como criação do vínculo entre os seres humanos, instituindo uma rede de relações. Em *A condição humana*, Arendt estabelece uma tensão entre a amizade e o amor. A autora faz considerações acerca do domínio do privado e do público. Para ela, a experiência humana do amor encontra-se no domínio do privado. Assim, escreve Arendt:

[...] o amor, por exemplo, em contraposição à amizade, morre ou, antes, se extingue assim que é trazido a público. Dada a sua inerente não-mundanidade, o amor só pode ser falsificado e pervertido quando utilizado para fins políticos, como a transformação ou salvação do mundo. (ARENDR, 2016a, p. 63)

Arendt considera que a amizade, no entanto, aparece no mundo público. Quando se remete à tradição política da Grécia antiga, advinda do pensamento de Aristóteles, a *philia politique* (cf. ARENDR, 2011, p. 301), Arendt aponta que a amizade não deve ser confundida com recantos de intimidade entre dois indivíduos, mas aparece ao mundo público, através de ações e palavras, desde que haja ligação entre as pessoas. Para Arendt:

Quando, por exemplo, lemos em Aristóteles que a *philia*, a amizade entre os cidadãos, é um dos requisitos fundamentais para o bem-estar da Cidade, tendemos a achar que ele se referia apenas à ausência de facções e guerra civil. Mas, para os gregos, a essência da amizade consistia no discurso. Sustentavam que apenas o intercâmbio constante de conversas unia os cidadãos numa *polis*. No discurso, tornavam-se manifestas a importância política da amizade e a qualidade humana própria a ela. (ARENDR, 2015, p. 33)

Com efeito, a amizade, na perspectiva de Arendt, traz em seu bojo uma concepção pública de uma tradição política grega e romana, distinta da ideia de amizade na modernidade em que “estamos habituados a ver a amizade como um fenômeno da intimidade [...] a atitude básica do indivíduo moderno que, em sua alienação do mundo, realmente só pode se revelar na privacidade e intimidade dos encontros pessoais” (ARENDDT, 2015, p. 33). A experiência da convivência humana no mundo configura a amizade na concepção da tradição da Grécia clássica, observada por Arendt. Nas palavras de Sócrates: “Uma vida sem exame não merece ser vivida” (PLATÃO, 1972); parafraseando-as, Arendt recompõe a perspectiva socrática na *polis* grega: “os antigos consideravam os amigos indispensáveis à vida humana e na verdade uma vida sem amigos não é digna realmente de ser vivida” (ARENDDT, 2015, p. 32).

Além dessa perspectiva vinculada ao mundo público, Arendt em *A vida do espírito*, discute outra possibilidade para o tema da amizade: o que acontecia com Sócrates, quando ele se retirava do mundo público para pensar? Para Arendt, Sócrates enuncia, em seu modo de vida, que além de interagir com a cidade, também é indispensável um exercício do diálogo consigo mesmo, experiência condutora para a amizade. Embora as nuances sobre a problemática da concepção do pensar em Hannah Arendt não tenham constituído os objetivos da presente pesquisa, é importante ressaltar essa questão porque neste ponto Arendt estabelece uma relação entre o pensar e a amizade, através da existência de um diálogo consigo mesmo (cf. ARENDDT, 2016b). Arendt (cf. 2016b, p. 205) retoma a metáfora socrática para o exercício do pensar, encontrada no diálogo *Hípias maior*, de Platão – Sócrates lembra que após proferir algum discurso na ágora, ao voltar para casa, ele sempre se faz acompanhar de um sujeito, que não o deixa em sossego:

[...] não há nada mais admirável do que ser alguém capaz de proferir um discurso bem feito, no tribunal ou em qualquer outra reunião: imediatamente passo a ouvir as piores invectivas por parte dos presentes, mas, em primeiro lugar, desse sujeito que outra coisa não faz senão refutar tudo o que eu digo. Acontece, também, que somos parentes próximos e moramos juntos. Sempre que eu chego a casa e ele me ouve discorrer dessa maneira, pergunta-me se não me envergonho de falar a respeito das belas maneiras de viver, sendo, como sou, reconhecidamente ignorante, visto não saber até mesmo o que venha a ser essa beleza (PLATÃO, 1980, p. 304d).

Esse “sujeito” questionador que acompanha Sócrates e não o deixa sossegar, nem mesmo em sua casa, trata-se, para Arendt, do “dois-em-um”, isto é, a companhia de um “sujeito” questionador em seu próprio pensamento, com o qual dialogava, criando uma ideia de amizade no exercício do pensar. Nesse sentido, diz Arendt:

Para Sócrates, a dualidade do dois-em-um significava apenas que quem quer pensar precisa tomar cuidado para que os parceiros do diálogo estejam em bons termos, para que eles sejam amigos. O parceiro que desperta novamente quando estamos alertas e sós é o único do qual nunca podemos nos livrar – exceto parando de pensar. (ARENDDT, 2016b, p. 210)

Nessa perspectiva socrática sobre a amizade e o pensamento, retomada por Arendt, o pensamento não é apenas uma atividade cognitiva, mas um “diálogo entre amigos” (ARENDDT, 2006, p. 98). Para pensar, os seres humanos retiram-se do mundo; refletindo acerca desta ideia de Arendt, pode-se depreender que, durante o ato de estar só para pensar, as pessoas podem estabelecer um diálogo entre as experiências humanas de antigas gerações, criando um vínculo de amizade, ensejando o pertencimento com o mundo.

No artigo *Filosofia e política*, Arendt aborda, também, a personagem de Sócrates a partir do diálogo com seus amigos. Nesse texto, Arendt expõe que “Sócrates parece ter acreditado que a função política do filósofo era ajudar a estabelecer esse tipo de mundo comum, construído sobre a compreensão da amizade, em que nenhum governo é necessário” (ARENDDT, 2006, p. 100). A



amizade em Arendt “se manifesta numa presteza em partilhar o mundo com outros homens” (ARENDR, 2015, p. 34). Essa perspectiva tem como sentido o cuidado com o mundo comum. Contudo, na modernidade, em meio ao consumo, as relações humanas foram reduzidas à intimidade: os indivíduos modernos alienaram-se do mundo e começaram a se refugiar em “si-mesmo” (ARENDR, 2016a, p. 7). O mundo não é humano simplesmente por ser constituído por seres humanos, nem se torna humano simplesmente porque a voz humana nele ressoa. O mundo torna-se humano quando se constitui das ações e palavras (cf. ARENDR, 2015, p. 33). Considerando a ideia de Arendt sobre o sentido público da amizade, observa Wolfgang Heuer:

Amizade política pelo cuidado do mundo significa ser consciente da responsabilidade comum pela comunidade, definir-se como cidadão político e não como um sujeito de consumo e defender a civilização da sociedade com seus valores de liberdade e justiça e de engajar-se para a sua realização. (HEUER, 2007, p. 92)

A amizade aparece no espaço público pelo cuidado com o mundo comum e na preservação da singularidade humana. A amizade cria elementos com os quais os seres humanos se relacionam entre e si e também com o mundo, *espaço-entre*, cujas narrativas são expressões humanas muito antigas. Nesse sentido, a amizade possui um caráter político, expressa publicamente entre os seres humanos. Desta maneira, a amizade constitui um exercício de reconhecimento do mundo e das decisões entre iguais na esfera pública. Segundo Arendt:

O elemento político, na amizade, reside no fato de que, no verdadeiro diálogo, cada um dos amigos pode compreender a verdade inerente à opinião do outro. Mais do que o seu amigo como pessoa, um amigo compreende como e em que articulação específica o mundo comum aparece para o outro que, como pessoa, será sempre desigual ou diferente. Esse tipo de compreensão – em que se vê o mundo (como se diz hoje um tanto trivialmente) do ponto de vista do outro – é o tipo de insight político por excelência. (ARENDR, 2006, p. 99)

Como ouvir, compreender e pensar com o outro quando ele não está mais presente para dialogar? Com as histórias contadas, as gerações dialogam no tempo e colhem as experiências que compõem o sentido da existência humana no mundo compartilhado. Quando os seres humanos contam histórias, rememoram, optam politicamente por assegurar a conservação do mundo comum.

### **Amizade e narrativas na educação**

Contar histórias é escolher o que é relevante, para quem narra, a fim de que as futuras gerações possam decidir se essas histórias são relevantes para elas e, se o forem, o que nelas tem importância. Assim, as vozes, as experiências, os saberes e as ideias das gerações passadas, que construíram este mundo com suas palavras e feitos, através da escolha da geração atual, ainda se fazem presentes. Essa escolha entre as histórias que podem ser contadas nas escolas, por exemplo, atravessa o tempo e expressa o vínculo, a amizade, entre as gerações.

Ao ouvir essas histórias, as novas gerações podem escolher se estabelecerão laços de amizade com as gerações passadas. Como ocorre nas relações entre amigos, tal escolha em querer conviver com as vozes do passado significa não apenas as ouvir, mas principalmente, as compreender, pensar junto com elas, ou mesmo discordar. Assim, estabelece-se uma convivência no tempo, traçando entre os seres no presente um caminho político através da amizade. Dessa maneira, a amizade por histórias é um modo de reencontrar o passado, recobrar a comunicação entre gerações, compreender e pensar as experiências humanas. Na educação, o encontro com as gerações passadas, com quem os professores, crianças e jovens podem também dialogar, resulta na escolha de com quem se quer aprender e pensar junto, criando uma relação de amizade.

Na sociedade do consumo e na cultura de massas, que atomiza as pessoas, a experiência do desenraizamento do passado e de um mundo comum direcionam as relações de amizade para o âmbito do individualismo, assim, o reconhecimento da comunicação entre gerações por suas histórias deixa de estabelecer conexões. Em uma sociedade massificada, a perda do *espaço-entre* desagrega a partilha de interesses comuns entre as pessoas, que não se sentem, mesmo no cotidiano da vida, pertencentes a uma comunidade, muito menos a um mundo comum. Conforme anota Aguiar, no texto *A amizade como amor mundi em Hannah Arendt*:

É nessa sociedade massificada onde nenhuma vivência mundana pode ser experimentada que Arendt aponta a decadência da amizade e a despersonalização da vida pública. Nas sociedades massificadas, o sentido recorrente de amizade é o da partilha da intimidade ou da compaixão filantrópica. Perde-se, deste modo, o sentido original mesmo de filantropia, amor e admiração pelas coisas humanas, deturpando-a em caridade ou sentimentalismo em face da dor espetacularmente exposta. (AGUIAR, 2010, p. 137)

Sem a amizade publicamente revelada, perdem-se os laços de comunicabilidade entre as gerações, esvai-se a possibilidade de compreender a existência e construir o mundo comum, através de feitos em palavras e ações. Sem o amor ao mundo, não há amizade entre as gerações. Diferente do amor romântico, residente na sede privativa do obscuro coração humano, o amor ao mundo faz parte de um coração compreensivo e vincula-se ao maior legado humano: o mundo comum. Amar ao mundo estabelece vínculos de amizade entre gerações. A amizade, reveladora do amor ao mundo, nesse sentido, enseja a responsabilidade das gerações mais velhas com as futuras gerações, construindo-lhes um legado: apresentar o mundo com seus laços culturais às crianças e aos jovens. Esse legado revela-se na educação com a amizade entre as gerações, que configura um espaço comum, culturalmente herdado de gerações anteriores, com tradições, costumes e práticas. Desta maneira, pensado como revelação e princípio da amizade, o *amor mundi*, concepção refletida por Arendt, expressa-se no cuidado com o passado, através da educação. Segundo Arendt:

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum. (ARENDR, 2011, p. 247)

Amar o mundo é o estado de permanente atenção sobre os nossos atos e palavras no mundo comum; é o fato de compreender que a existência e as experiências humanas são frágeis, fugazes; é a obrigação que todos os adultos, pais, professores têm em contar às crianças e aos jovens as histórias do passado, para que as novas gerações possam se sentir acolhidas e pertencentes ao mundo comum. Amar o mundo é a responsabilidade que passa de mão para mão, de boca em boca, construída pelas experiências humanas entre as gerações, compartilhadas nesse mundo. Esse amor revela-se na amizade que cria laços entre as gerações. Através dessa amizade, os estudantes podem encontrar seu lugar de pertença no mundo, criado no tempo pelos vínculos entre os seres humanos, por meio da educação. Segundo analisa Almeida:

[...] Arendt poderia dizer que o *amor mundi* é a nossa opção de pertencer ao mundo – ao que acrescentaria que hoje essa pertença deixou de ser uma simples escolha e tornou-se muito mais uma questão e um desafio. Na pertença ao mundo também reside o principal desafio da educação hoje. Como fazer com que os novos se sintam em casa no mundo? (ALMEIDA, 2011, p. 80)

Pensar a amizade para o campo da educação constitui um ato de reconciliação: modo de criar a amizade entre gerações na educação. A compreensão da amizade, que atravessa a temporalidade do mundo comum, estabelece e descobre novas configurações com o passado. Voltar ao passado significa pescar pérolas, as estórias. Reencontrar esse tesouro esquecido, as estórias ainda não contados, evidencia a responsabilidade de contá-las às novas gerações. Na durabilidade do mundo, construído por diversas gerações que aqui aportaram, herdou-se o legado histórico, cultural e político através da imortalidade das ações e feitos. Se a educação é a introdução de cada nova geração no mundo comum, uma amizade se faz necessária, para que a geração recém-chegada se reconheça como parte desse mundo e, futuramente, se sinta responsável em cuidar desse legado.

Ouvir estórias é uma forma de dialogar e pensar junto às gerações antepassadas, compreender seus valores, suas vivências e as experiências que constituíram esse mundo compartilhado. A educação transmite e preserva o passado em suas estórias, indica onde se encontram os tesouros das experiências humanas, apresentando o seu valor às crianças e aos jovens. A educação cria novos laços de amizade entre as gerações. A amizade aparece no mundo através de uma relação de confiabilidade entre a geração mais nova (herdeira da história do mundo comum) e a geração mais velha (que tem autoridade de contar as experiências humanas duráveis no tempo). Essa relação entre as gerações que envolve a autoridade e a educação implica laços de amizade duráveis no tempo. Assim, expõe Carvalho:

Portanto, a autoridade – condição da possibilidade da transmissão intergeracional – vincula-se às formas pelas quais uma cultura dialoga com seus antepassados e com seus sucessores. É, pois, o caráter transcendente do mundo público – e a consequente assunção da responsabilidade pela durabilidade de uma herança comum de realizações simbólicas – que autoriza o lugar do educador na relação pedagógica. Um lugar sempre sujeito ao frágil equilíbrio entre o legado do passado e a abertura ao futuro, um lugar sempre instável em face da variedade de experiências históricas que fazem da autoridade um elo entre os educandos e um mundo de heranças e promessas. (CARVALHO, 2017, p. 66)

Através das estórias torna-se possível aos novos compreender o mundo, habitado por várias gerações, com as quais há a potencialidade de se tornar amigo e com elas aprender. Na educação, quando os novos são introduzidos no mundo comum, são criadas novas amizades. Ao se estabelecer uma relação entre a compreensão e a amizade na educação, as crianças e os jovens podem perceber que há diferenças entre as formas de ser e pensar, entre culturas diversas. A diversidade faz parte de uma construção temporal humana, na qual todos estão inseridos. As estórias marcam esse diálogo no tempo, afinal o que seriam dos amigos que não pudessem conviver e compartilhar suas experiências. A educação guarda sempre essa aposta na responsabilidade, que uma geração futura assumirá pelo mundo, possibilitada pelo amor ao mundo. A amizade é o compromisso com a responsabilidade de cuidar do mundo.

Os estudantes, herdeiros de um mundo, são capazes de reconhecer e estabelecer conexões de amizade, encontrando o passado nas estórias, contadas de geração para geração. A amizade na educação compreende um modo de ser e pensar, perdura no tempo humano, não perece com a morte. Quando o professor conta estórias do mundo, ele apresenta aos novos as vozes do passado e os laços de uma amizade entre as gerações são estabelecidos. Na educação, introduzimos os novos nesse diálogo com os antepassados, mediante a apresentação de um mundo comum. Com as estórias, gerações passadas revelam-se ao presente, mostrando suas ações em palavras, dizendo quem são. Com a amizade, os antepassados oferecem-se em amizade às novas gerações, que fazem uma escolha, quando se sentem afetadas por aquelas experiências.

A pluralidade encontrada nas experiências humanas de diversas gerações surge no mundo com a amizade. Quando as pessoas, cada uma com sua singularidade, reúnem-se através de vínculos de amizade, devido a um fim em comum, tornam-se amigas na constituição de um mundo. Espaço

de educação, a escola cuida da singularidade de cada criança e jovem, tornando-se um local da presença da pluralidade das gerações, que construíram esse mundo, sendo possível ouvir, compreender e pensar junto com elas. Com a educação, uma geração solidariza-se com a outra, em uma temporalidade, aprendendo sobre o mundo e reconhecendo-se como seu habitante. Segundo expõe Bárcena: “[...] a educação implica um vínculo com a temporalidade do mundo humano; que ela não se desenvolve a partir de um vazio histórico, mas de uma experiência entre gerações que ocupam lugares distintos no mundo” (BÁRCENA apud CARVALHO, 2017, p. 63). A educação, desse modo, cria laços de amizade entre as gerações na temporalidade do mundo humano. Assim, as crianças e os jovens podem conhecer amigos de muito tempo que viveram em outras épocas, através de suas ações e palavras. As estórias carregam essa memória de experiências que atravessam o tempo do mundo humano. Mesmo que os estudantes ainda não conheçam esses amigos, poderão conhecê-los através das estórias, que os professores contam.

A amizade consolida a temporalidade de uma relação de convivência no mundo comum entre os seres humanos. Na medida em que decidimos contar as estórias sobre o que é relevante, relembrando as experiências humanas, traçamos um possível caminho para a amizade. A narrativa por estórias convida para um laço de amizade, no tempo, entre aqueles com quem se deseja compartilhar a própria estória. Com as estórias há a reconciliação, que atravessa uma compreensão do passado, e é permanente com o acolhimento da singularidade de cada ser humano, frente a pluralidade no mundo.

### Considerações finais

O ato de contar estórias no qual os seres humanos se ligam ao mundo comum, também é um elemento essencial de decisão sobre que mundo se deseja conservar e construir junto. Narrar e estabelecer vínculos com os outros, por meio de laços de amizade, são condições essenciais não apenas para que se possa pensar, mas decidir sobre com quais seres humanos se quer criar um mundo comum. Assim, lembra Arendt:

[...] as nossas decisões sobre o certo e o errado vão depender de nossa escolha da companhia, daqueles com quem desejamos passar a nossa vida. Uma vez mais, essa companhia é escolhida ao pensarmos em exemplos, em exemplos de pessoas mortas ou vivas, reais ou fictícias, e em exemplos de incidentes passados ou presentes. No caso improvável de que alguém venha nos dizer que preferiria o Barba Azul por companhia, tomando-o assim como seu exemplo, a única coisa que poderíamos fazer é nos assegurarmos de que ele jamais chegasse perto de nós. (ARENDR, 2004, p. 212)

Querer compartilhar o mundo é formar laços de amizade. A amizade está relacionada com a escolha, partindo de nossa relação pessoal com o mundo. Um jovem estudante pode perguntar-se: quem são essas pessoas e quais foram as suas experiências que compuseram as estórias de um mundo comum? Para escolher os nossos amigos, é indispensável uma educação que abra o caminho da compreensão. Os jovens terão de assumir futuramente as implicações e responsabilidades das escolhas que fizerem sobre eles mesmos e sobre o mundo, criado por gerações anteriores.

Os estudantes precisam saber da existência de Marielle Franco, Riobaldo e Nathan. Também precisam conhecer o totalitarismo, Hermógenes e o Barba Azul, para que tais estórias não se perpetuem. Ao compreender estas estórias, reafirma-se a existência no mundo, compartilhado com os outros, sejam eles personagens de estórias ou da história, sejam pessoas da convivência cotidiana. A amizade estabelece uma conexão entre os atos e palavras, entre as gerações e suas relações no tempo, dentro de um mundo comum. A escolha de com quem se quer ser amigo implica lembrar ou esquecer o passado, que gerações anteriores legaram e a possibilidade de reconciliação, mesmo após o fim da tradição. Portanto, ao estabelecer laços de amizade com o passado, cada nova geração poderá também deixar sua marca sobre o mundo comum.

**Referências**

- AGUIAR, Odílio Alves. A amizade como *amor mundi* em Hannah Arendt. *O Que Nos Faz Pensar*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 28, p. 131-144, dez. 2010.
- ALMEIDA, Vanessa Sievers de. *Educação em Hannah Arendt: entre o mundo deserto e o amor ao mundo*. São Paulo: Cortez, 2011.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 13ª ed. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016a.
- \_\_\_\_\_. *A vida do espírito*. 5ª ed. Trad. Abranches Almeida e Martins. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016b.
- \_\_\_\_\_. *A dignidade na política*. Trad. Helena Martins. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Entre o passado e o futuro*. 6ª ed. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Homens em tempos sombrios*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- \_\_\_\_\_. *Responsabilidade e julgamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- CANDIDO, Antônio. *Tese e antítese: ensaios*. 4ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. *Educação, uma herança sem testamento: diálogos com o pensamento de Hannah Arendt*. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- HEUER, Wolfgang. Amizade política pelo cuidado com o mundo. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 46, p. 91-109, 2007.
- LAÉRCIO, Diógenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: Ed. da UnB, 2008.
- LESSING, Gotthold Ephraim. *Três peças*. Trad. Marcelo Backes. São Paulo: Topbooks, 2015.
- PLATÃO. Apologia de Sócrates. In: \_\_\_\_\_. *Os pensadores*. São Paulo: Abril, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Hípias maior*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Ed. da UFPA, 1980.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- STARLING, Heloísa. A outra margem da narrativa: Hannah Arendt e João Guimarães Rosa. In: JARDIM, Eduardo; BIGNOTTO, Newton (Org.). *Hannah Arendt: diálogos, reflexões, memórias*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2001.
- YOUNG-BRUEHL, Elizabeth. *Hannah Arendt, por amor ao mundo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.

Recebido em: 10 jul. 2017.

Aprovado em: 14 nov. 2017.

